

# O que ainda não tem nome

Nesta edição, a revista *Alter* apresenta textos que compõem um panorama de temas e estilos que representam a psicanálise, enquanto prática do inacabado e do conhecido não pensado (Bollas, 2015).

Os artigos reunidos aqui abordam a clínica, a cultura, o social, a teoria e a linguagem, em consonância com o esforço constante da nossa revista, ao longo dos seus 55 anos, de reiterar que somos seres não-programáveis, e que nos transformamos por meio da experiência e das negociações que estabelecemos com os fatos. Insistimos, redundamos; estamos com a iniciativa da *Alter*, como afirma a personagem Senhora Ford em *As alegres comadres de Windsor*: acendendo a luz de dia (Shakespeare, 1602/2010).

E para iluminar os nossos dias, saturados de trovas com pouco ritmo e poesia, destacamos três textos reunidos na seção “Resgate”. O primeiro texto, de Martha Harris, intitulado “A contribuição da observação da interação mãe-bebê para a formação do psicanalista” (1973), expõe que a psicanálise é uma ciência-arte, preocupada com o estudo e a descrição dos fenômenos, e não uma ciência explicativa, voltada a encontrar a causa da doença mental e a oferecer receitas para que as pessoas saibam como evitá-la. A ampla divulgação desse texto, traduzido por Marisa Pelella Mélega, é inédita no Brasil e foi autorizada por sua filha, Meg Harris Williams, para publicação na *Alter*.

No segundo texto da seção, “Angústia, breve revisão” (1978), Ronaldo M. de Oliveira Castro reforça o dinamismo da mente humana por meio de diversas concepções teóricas sobre a angústia. É uma homenagem a esse psicanalista que integrou a primeira turma da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e faleceu em março deste ano, depois de uma longa trajetória de reflexões sobre os fenômenos psíquicos e contribuições para o desenvolvimento da psicanálise no país.

No último texto desse segmento, publicamos o relato do encontro de Virgínia Leone Bicudo com Melanie Klein, feito pela própria Virgínia.

Em “Contribuição de Melanie Klein à psicanálise, segundo minha experiência” (1981), ela aponta e discorre sobre as maiores contribuições de Klein para a psicanálise. A pedido dos editores, a psicanalista Maria Silvia Valladares tece comentários acerca do texto.

Iniciamos a revista com a seção “Criatividade” na qual reunimos artigos que exploram, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma, o empenho dos autores em nomear o que sentem em suas práticas e em suas reflexões sobre fenômenos clínicos que exigem, sobretudo, uma presença criativa do psicanalista.

Avelino Ferreira Machado Neto, por exemplo, propõe uma clínica do sonhar não sonhado. Em “Molhar os pés na enxurrada”, de uma imagem aparentemente simples, o autor sustenta a importância da escuta afetiva e porosa diante dos fragmentos que escorrem pelas margens do encontro da dupla analítica.

Sylvain N. Levy, em “Filhos na psicanálise: o invariante sou eu”, reflete sobre o fato de que, em quase cinco décadas de clínica, ao menos um paciente a cada ano tornou-se pai ou mãe durante o processo analítico. Levy questiona os efeitos vitalizantes da escuta sobre os destinos psíquicos e criativos.

No texto “A transitória igualdade e a incerta diferença”, Cleuza Mara Lourenço Perrini investiga as formas de rejeição à alteridade e as defesas narcísicas que se mobilizam diante da diferença. A análise é proposta como espaço de elaboração do inacabado e da incompletude constitutiva.

Em “A caligrafia da Índia”, Orlando Hardt Junior traça paralelos entre a escrita de Bion e a literatura de Kipling, Forster, Orwell e Durrell sobre a Índia. A escrita reflexiva é apresentada como gesto clínico de organização do informe e produção de sentido no encontro de culturas. Hardt, na articulação do seu texto, mostra que o verdadeiro continente a ser conquistado seria o da mente – e como o desconhecido e o estranho resistem a instrumentos para investigar as mais primitivas e criativas estruturas do psiquismo humano.

Marisa Pelella Mélega, em “Criatividade: uma visão psicanalítica”, percorre os principais autores que pensaram a criatividade como elemento

estruturante da vida psíquica. O texto oferece uma ampla visão da criatividade como capacidade de transição, simbolização e transformação.

Na seção “Diálogos” são apresentados textos e resenhas mais livres de formatação e que destacam o amplo espectro que constitui o campo psicanalítico. Márcio Nunes de Carvalho em “O inconsciente, a linguagem... o significante”, propõe, com base em uma experiência clínica, a leitura alternativa da célebre formulação lacaniana de que “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1953/1998). Ele sugere que “no inconsciente, a linguagem se organiza”. Sua reflexão articula linguagem, escuta e subjetivação, destaca como o trabalho analítico pode transformar tagarelices defensivas em uma fala significativa.

Já em “Psicanálise na praça” Luca Casellato Brown e Bartholomeu de Aguiar Vieira apresentam uma experiência de escuta psicanalítica em espaço público durante a pandemia de covid-19. A reflexão amplia a ideia de setting e propõe uma ética da presença, inspirada em Sándor Ferenczi.

Dora Tognolli examina as expressões do masculino no contemporâneo e articula clínica, linguagem e cultura em “Masculinidades, hoje”. O texto nos convida à escuta das formas de sofrimento ligadas ao sexual e à identidade de gênero, deslocando o olhar para além do binarismo.

Para comemorar a conclusão da primeira tradução integral da obra de Freud para o português, realizada diretamente do original, convidamos Luciano da Costa Espírito Santo para escrever uma resenha sobre esse feito que levou 15 anos, e ele foi além, apresentou uma reflexão crítica sobre o impacto das traduções de Freud na nossa leitura.

Por fim, Tania Montoro, em “Cinema e psicanálise”, investiga as afinidades entre as formas de construção simbólica presentes no cinema e na clínica. A sétima arte, como a psicanálise, pode tornar visível o que insiste em não ter nome, revelando imagens e emoções ao indizível.

Concluimos esta edição com três resenhas: Kátia Barbosa Macêdo analisa *Pobres criaturas*, de Yorgos Lanthimos, e articula o filme aos textos freudianos e à tradição gótica para pensar o desenvolvimento psicosssexual e a busca por autonomia. Carlos Pires Leal comenta o livro *With Climate in Mind*, que entrelaça psicanálise e consciência ambiental e Paola Amendoeira apresenta a leitura articulada com a psicanálise e a

música da obra de Clarice Lispector, realizada por Carlos Vieira em seu livro *Clarice em improviso*.

Ao longo destas páginas, *Alter* reafirma seu compromisso com a vitalidade da psicanálise. Esta 40ª edição é também uma celebração do percurso da revista, da persistência do nosso desejo de pensar, escrever e publicar aquilo que nos move e afeta. A revista recebeu um novo projeto gráfico para a capa para os próximos anos, gentilmente cedido pelo designer Messala Ciulla, a quem agradecemos.

Desejamos a todos uma boa leitura!

## Referências

- Bollas, C. (2015). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Escuta.
- Lacan, J. (1998). A função e o campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 239–324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Shakespeare, W. (2010). *As alegres comadres de Windsor* (M. Carvalho, Trad.). L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1602)

Carlos Wilson de Andrade Filho | Editor  
carloswbr@gmail.com

Veridiana Canezin Guimarães | Coeditora  
veridianacanezinguimaraes@gmail.com